

História

Serão muitas as razões: a negação da utilidade deste sacramento; a convicção de que o perdão é um assunto meramente privado entre a minha consciência e Deus; a dificuldade em confessar os pecados a um 'homem' como eu; a pouca disponibilidade dos sacerdotes para 'estar no confessionário', atarefados com tantas outras tarefas mais importantes; a dificuldade em encontrar confessores bem preparados...

Mas também conta a história 'tenebrosa' da confissão que carregamos: não vale a pena estranhar, é o próprio papa Francisco que escreve n' A Alegria do Evangelho que *"o confessor não é uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor, que nos incentiva a praticar o bem possível"* (EG 44). Por alguma razão há de ser.

Um historiador (Jean Delumeau) disse que a Igreja, durante muito tempo, fez mais uma 'pastoral do pecado e do medo', do que uma 'pastoral do perdão'. Falava-se mesmo do *"Santo Tribunal da Penitência"* e o sacerdote confessor era formado para ser um juiz bastante rigoroso.

Seja como seja, a verdade é que as pessoas se confessam menos, nos dias que correm. Mas isso não significa, como alguns afirmam, que se tenha perdido o sentido do pecado. A atual geração de católicos não é pior nem melhor que as anteriores, quando havia mais 'confissões do que comunhões'.

Pastoral

Mas o desafio permanece, este ano ainda mais espicado pelo 'desejo' do papa Francisco de que saibamos mostrar e revelar um Deus de misericórdia e de bondade, o Deus da alegria.

Façamos então o que estiver ao nosso alcance para que a nossa comunidade paroquial de Matosinhos se aproprie das imensas riquezas do Sacramento do Perdão e possa encontrar os caminhos para o celebrar em verdade.

Ao longo do Ano da Misericórdia, vamos tentar

ajudar propondo diferentes olhares sobre o Sacramento da Reconciliação. Começemos pelo nome.

Foi o Concílio Vaticano II que renovou (talvez seja melhor dizer: recuperou) o sentido deste Sacramento, renovação que ainda não chegou, de facto, à prática dos pecadores e dos confessores. Se virmos bem, 50 anos depois, foram muito poucas as mudanças.

A mudança começa logo pelo nome: a Igreja já não fala só de 'sacramento da Confissão', mas mais de 'sacramento da Reconciliação', ou então de 'sacramento da Penitência'. E isto é assim porque a expressão 'Reconciliação' fundamenta-se na Bíblia, é uma expressão clássica da Igreja dos primeiros tempos, diz o que é central no sacramento: que é encontro de reconciliação, e põe o acento na dimensão de alteridade do sacramento: acontece entre duas pessoas: o pecador e Deus, ainda que mediado pela Igreja (sacerdote).

Para além disso, a palavra Reconciliação diz que o sacramento não é um ato esporádico ou passageiro, mas um processo dinâmico, unido à virtude da penitência ou conversão permanente e às reconciliações que acontecem na vida de todos os dias.

E também se percebe assim como o sacramento não é um 'ato privado', mas uma verdadeira celebração eclesial: diz respeito e afeta toda a Igreja: o que se passa com um dos membros do corpo é sentido por todo o corpo.

O Lugar

Por estas e outras razões que iremos aprofundar, percebe-se que não é indiferente a forma e o lugar que damos ao Lugar da Misericórdia.

Em primeiro lugar, do mesmo modo que existe, no espaço da Igreja o Lugar do Batismo (*Batistério*), o Lugar da Palavra (*Ambão*), o Lugar da Eucaristia (*Altar*), o Lugar da reserva eucarística (*Sacrário*), o Lugar da assembleia (*Nave*)... também deve existir, visivelmente, o Lugar do Perdão.

Ao entrar na igreja, assim como identificamos os outros lugares, devemos identificar o Lugar da Mi-

sericórdia, onde se pode celebrar o sacramento da Reconciliação, da Penitência ou da Confissão.

Deve ser um Lugar acolhedor e adaptado à celebração do sacramento (permita, por exemplo o gesto da 'imposição das mãos'), que facilite o diálogo entre o penitente e o ministro, favorecendo a sua discrição.

Uma outra dimensão importante é também a relação – física, se pode dizer-se – visível entre o Lugar da Penitência e a pia batismal ou Batistério, que é a primeira âncora da salvação. Se o Batismo é o sacramento mediante o qual cada cristão é imerso na salvação realizada pelo Mistério Pascal de Cristo, com a Reconciliação, que é a segunda âncora da salvação, o pecador volta a adquirir a dignidade de filho de Deus e de salvo por Cristo.

O sacramento da Reconciliação, como veremos ainda ao falarmos da sua história, foi e é um segundo Batismo, ou, na expressão belíssima de Santo Agostinho: *"O Batismo das Lágrimas"*.

Pergunta e Resposta

P. Se pudesse resumir o sacramento da Reconciliação numa palavra, o que diria?

R. O sacramento da Reconciliação é um dom do Ressuscitado aos seus discípulos.

P. Desculpe, não entendi. «Dom do Ressuscitado»?

R. Pensa um pouco! O que aconteceu no Domingo de Páscoa? Quando Jesus apareceu aos discípulos? Deus a paz aos Apóstolos, concedeu-lhes o Espírito Santo e disse algo inacreditável: «Os pecados daqueles a quem perdoardes serão perdoados.» Os Apóstolos legaram este «dom do Ressuscitado» aos seus sucessores, os bispos. Este dom foi assim transmitido, de geração em geração, pela consagração episcopal até aos nossos tempos. O bispo delega este poder aos seus sacerdotes e, quando hoje um cristão recebe o sacramento da Reconciliação através de um padre ou bispo, recebe este dom do próprio Jesus.

(in YOUCAT – Update!Confissão)

Um Texto

“A múltipla misericórdia de Deus socorreu as quedas humanas, de maneira que a esperança da vida eterna se restabelecerá não só pela graça do Batismo, mas também pela medicina da Penitência... O mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, deu àqueles que estão postos à frente da sua Igreja o poder de acionar a penitência àqueles que confessam os seus pecados e de os admitir, depois de purificados pela saudável satisfação, à comunhão dos sacramentos, pela Porta da Reconciliação. O próprio Salvador intervém incessantemente nesta obra de reconciliação”.

(São Leão Magno)

Uma Oração

Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado. Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos.

Reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim os meus pecados. Contra ti pequei, só contra ti, fiz o mal diante dos teus olhos; por isso é justa a tua sentença e recto o teu julgamento.

Eis que nasci na culpa e a minha mãe concebeu-me em pecado. Tu aprecias a verdade no íntimo do ser e ensinas-me a sabedoria no íntimo da alma. Purifica-me com o hissopo e ficarei puro, lava-me e ficarei mais branco do que a neve.

Faz-me ouvir palavras de gozo e alegria e exultem estes ossos que trituraste. Desvia o teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas culpas. Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito.

Não me afastes da tua presença, nem me prives do teu santo espírito! Dá-me de novo a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito generoso.

Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos e os pecadores hão-de voltar para ti.

Ó Deus, meu salvador, livra-me do crime de sangue, e a minha língua anunciará a tua justiça. Abre, Senhor, os meus lábios, para que a minha boca possa anunciar o teu louvor.

Não te comprazes nos sacrifícios nem te agrada qualquer holocausto que eu te ofereça. O sacrifício agradável a Deus é o espírito contrito; ó Deus, não desprezes um coração contrito e arrependido.

Pela tua bondade, trata bem a Sião; reconstrói os muros de Jerusalém. Então aceitarás com agrado os sacrifícios devidos, os holocaustos e as ofertas; então serão oferecidos novilhos no teu altar.

(Salmo 50/51)



Diocese do Porto 2015 / 2016

A alegria do Evangelho
é a nossa missão

Paróquia de Matosinhos

Felizes os misericordiosos!



Na Bula de promulgação do Ano Santo da Misericórdia, o Papa Francisco escreve:

“Com convicção, ponhamos novamente o sacramento da Reconciliação no centro, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia. Será, para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior.

Não me cansarei jamais de insistir com os confessores para que sejam um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai.” (17)

E no entanto, a experiência diz-nos que é cada vez maior a ausência da prática da confissão.